

Introdução

Conversas Sobre Cinema em Moçambique

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.49.2>

Ana Cristina Pereira e Rosa Cabecinhas

Uma conversa pode e geralmente é entendida como um encontro, uma convergência, mas que pode ser - e as melhores conversas (que também são outro nome para colaborações) são - nada mais do que aquilo que acontece ali, naquele momento, sob essas circunstâncias, para esses fins particulares. Essa conversa, nossa convergência, não é tanto uma oferta, mas um convite ao leitor para participar e aprofundá-la. (Bradley & Silva, 2021, para. 2)

Ana Cristina Pereira, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal/Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal/Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, Universidade Lusófona, Porto, Portugal <https://orcid.org/0000-0002-3698-0042>
kittyfurtado@gmail.com

Rosa Cabecinhas, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal <https://orcid.org/0000-0002-1491-3420>
cabecinhas@ics.uminho.pt

Como citar: Pereira, A. C., & Cabecinhas, R. (2022). Introdução: Conversas sobre cinema em Moçambique. In A. C. Pereira & R. Cabecinhas (Eds.), *Abrir os gomos do tempo: Conversas sobre cinema em Moçambique* (pp. 21–25). UMinho Editora; Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.49.2>

A ideia deste livro nasceu depois de grande parte dos capítulos que o compõem estarem escritos. É um livro destinado essencialmente a quem gosta de ouvir contar histórias. São conversas com um forte pendor cinematográfico; não só porque o mote que as atravessa é o cinema em Moçambique, mas sobretudo porque a forma como são reveladas as memórias que habitam esse espaço é também ela, muitas vezes, formulada através de imagens que têm movimento. Aqui se revelam histórias de gente jovem contadas por quem as viveu — os autores são parte do livro, assim como os seus leitores também o serão, direta ou indiretamente. Este livro é também para aquelas pessoas que, como nós, ficam felizes ao ouvir de novo a frase, “um outro mundo é possível!” e tem, a nosso ver, a beleza e a força das palavras daqueles que acreditam em novas possibilidades de vida.

Por isso *Abrir os Gomos do Tempo* é dedicado a Joaquim Lopes Barbosa (1945–2021), o autor de *Deixem-me ao Menos Subir as Palmeiras...* (1972), que desapareceu da nossa companhia, vítima de COVID-19 e cuja entrevista abre o livro. Este conjunto de conversas é ainda uma sentida homenagem a todos os cineastas, que como Barbosa, tiveram a coragem de enfrentar a censura do Estado. Este gesto modesto pretende dar ânimo a todas as pessoas que ainda a enfrentam ou vão ter que a enfrentar, nas suas variadíssimas formas. Os ditadores morrem, os regimes passam e os filmes ficam.

O poema de Mia Couto que inspira este título, “Para Ti” em *Raiz de Orvalho e Outros Poemas* (Couto, 2014, p. 37), pode ser lido como uma declaração de amor a uma pessoa, contudo, também é verdade que podemos pensar que o poeta fala com uma ideia de literatura (a que tem dedicado boa parte da sua vida), com a pátria, a liberdade, ou mesmo com a utopia. De modos diferentes, todas as vozes que se fazem ouvir neste livro, pertencem a homens que generosamente mergulharam nessa viagem da memória que permite extrair dela histórias sumarentas, nem sempre doces, num processo nem sempre fácil.

Uma parte significativa das entrevistas aqui publicadas foram feitas no âmbito da pesquisa que veio a culminar na tese de doutoramento *Alteridade e Identidade na Ficção Cinematográfica em*

Portugal e em Moçambique de Ana Cristina Pereira (2019), orientada por Rosa Cabecinhas e Nataniel Ngomane. Em 2016, foram realizadas várias entrevistas a atores privilegiados da história do cinema em Moçambique, apenas com a referida tese de doutoramento em mente. Dessas publicamos aqui pela primeira vez as entrevistas a Joaquim Lopes Barbosa e Gabriel Mondlane. Republicamos a entrevista com Licínio Azevedo, que foi partilhada pela primeira vez com os leitores na revista *Estudos Ibero Americanos* com o título “Um País Sem Imagem É um País Sem Memória...’ – Entrevista Com Licínio Azevedo” (Pereira & Cabecinhas, 2016) e a entrevista publicada com o título “Cada um Caminha por Onde Pode, por Onde lhe É Possível Caminhar: Entrevista a João Ribeiro”, publicada originalmente na *Revista Lusófona de Estudos Culturais* (Pereira, 2017).

Mais tarde, em 2017, foi entrevistado Sol de Carvalho, no Porto, e Pedro Pimenta, em 2018, em Maputo. Na sequência da entrevista a Sol de Carvalho, o realizador partilhou textos inéditos que estariam no seu arquivo pessoal, desde a altura em que foram escritos, há cerca de 40 anos. Trata-se de uma entrevista que Sol de Carvalho fez a Jean-Luc Godard, para a Rádio de Moçambique, de uma entrevista a Ruy Guerra para a revista *Tempo* e de um discurso do então Ministro da Informação José Luís Cabaço, que o cineasta, na altura jornalista, tinha gravado e transcrito. E foi realmente Sol de Carvalho a primeira pessoa a falar numa publicação – o autor dar-nos-ia os documentos se nos comprometêssemos a torná-los públicos, ou seja, acessíveis a toda a gente que os quisesse ler e estudar. Dissemos-lhe que sim. Uma vez que o texto de José Luís Cabaço ia ser publicado tantos anos depois de ser escrito, pensámos que seria interessante pedir ao seu autor uma leitura atual sobre o mesmo, que aqui publicamos à laia de introdução do texto do então ministro. Os três documentos referidos constituem a Parte 2 deste livro.

Começámos a pensar na publicação, não só dos referidos documentos, mas também do conjunto de depoimentos que haviam sido recolhidos ao longo da pesquisa. É claro que nessa altura pensámos também em incluir entrevistas de outras investigadoras que trabalham na mesma área de interesse e que tinham conversado com

interlocutores do meio cinematográfico moçambicano, diferentes dos que tínhamos entrevistado. Foi assim que surgiu, neste trabalho, a entrevista de Maria do Carmo Piçarra a Faria de Almeida e a entrevista de Sílvia Vieira a José Cardoso, autor que, entretanto, tinha desaparecido. Mais tarde, soubemos que a cineasta Diana Manhiça tinha também entrevistado Américo Soares, o primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema, e o pedido para incluir essa conversa nesta coletânea foi prontamente aceite. Nesta altura, foi também com enorme alegria que percebemos que a nossa amiga e colega do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Lurdes Macedo, tinha uma conversa não publicada com Licínio Azevedo e Gabriel Mondlane. Finalmente, no contexto do projeto *Memories, Cultures and Identities: How the Past Weights on the Present-Day Intercultural Relations in Mozambique and Portugal?* (Memórias, Culturas e Identidades: O Passado e o Presente das Relações Interculturais em Moçambique e Portugal), realizámos já em 2021, juntamente com Sheila Khan, uma entrevista a Luís Carlos Patraquim, que, tendo sido um interlocutor importante desde o início do projeto doutoral já referido, não tinha ainda sido entrevistado.

Apesar da força e da importância das vozes que falam através deste livro, é evidente que são em muito maior número as vozes ausentes. Seria impossível reunir num só volume testemunhos de todas as pessoas que fizeram e fazem o cinema em Moçambique. Uma das falhas que os leitores certamente primeiro notarão é a ausência de entrevistas a mulheres. Se é verdade que o cinema é um meio patriarcal por excelência e que o cinema em Moçambique não é nem nunca foi exceção, também é verdade que algumas mulheres se destacaram, como atrizes, como críticas, em funções técnicas, mas também como realizadoras. Ficará para uma próxima oportunidade a divulgação dessas conversas juntamente com as vozes de uma geração mais jovem que aqui não se faz ouvir.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas e instituições que tornaram este livro possível, em particular, a todas as pessoas que nos abriram gomos do seu tempo e com quem tanto aprendemos.

Este trabalho foi realizado no contexto do projeto *Memories, Cultures and Identities: How the Past Weights on the Present-Day Intercultural Relations in Mozambique and Portugal?*, desenvolvido no âmbito da “Knowledge for Development Initiative”, pela Rede Aga Khan para o Desenvolvimento e pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP (nº 333162622). Este trabalho é ainda financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Referências

Bradley, R., & Silva, D. F. da. (2021). Four theses on aesthetics. *e-flux journal*, (120). <https://www.e-flux.com/journal/120/416146/four-theses-on-aesthetics/>

Couto, M. (2014). *Raiz de orvalho e outros poemas*. Caminho.

Pereira, A. C. (2017). Cada um caminha por onde pode, por onde lhe é possível caminhar: Entrevista a João Ribeiro. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3(2), 363–372. <https://doi.org/10.21814/rlec.201>

Pereira, A. C. (2019). *Alteridade e identidade na ficção cinematográfica em Portugal e em Moçambique* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <http://hdl.handle.net/1822/65858>

Pereira, A. C., & Cabecinhas, R. (2016). “Um país sem imagem é um país sem memória...” – Entrevista com Licínio Azevedo. *Estudos Ibero-Americanos*, 42(3), 1026–1047. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2016.3.22989>